

24 de julho de 2025
nº5
ano 4

Tatuí - SP

JORNAL

BULI

30º FETESP

FESTIVAL
ESTUDANTIL
DE TEATRO
DO ESTADO
DE SÃO PAULO

tatuí conservatório
de música e teatro



NO FRESCOR DA HORA

5

**SOCIEDADE DOS 'PÉ VERMEI': OS
ENCANTADOS DO RIO MANDUKA**

YMOIRÁ MICALL

9

**PODE VIR QUENTE, QUE HOJE EU ESTOU
FERVENDO!**

YMOIRÁ MICALL

14

**O TEATRO NA PRÁTICA É SEMPRE AO
CONTRÁRIO: "CULTURAL TEATRAL"?**

MARCUS GROZA

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

21

VOU TE CONTAR UM SEGREDO: EU SENTI HOJE

ANA MACHADO

26

**REINO DOS BICHOS E DOS ANIMAIS: O
REENCANTO DE MANDUKA**

LUCAZ EUSÉBIO

PERFIL

33

FLORA-EM-FLOR

MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

CHARGES

37

MANDUKA, NÃO MEXA!

GABRIEL

37

É PRECISO SABER ESCUTAR O SILÊNCIO

TADEU RENATO

38

HOMO TRANSFIGURATUS

NACÁ

39

MUDAR O NOME PRA MANDUKA?

KAIÃO

40

MÓ BRISA

KAIÃO

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

41

**UMA ABERTURA PARA O QUE AINDA
ESTÁ POR VIR**

GABRIEL LOBO

45

**SOL DA CIDADE, CASA ÁFRICA E
REGANTOS**

LUCAZ EUSÉBIO

BASTIDORES

50

FOTOS POR CAMILA FONTENELE

EXPEDIENTE

55





SOCIEDADE DOS 'PÉ VERMEI': OS ENCANTADOS DO RIO MANDUKA



POR YMOIRÁ MICALL

apreciação para o espetáculo *MANDUKA*:
Às Margens, a partir do painel conduzido
por Valéria Rocha e Douglas Emílio –
Conservatório de Tatuí.

Se você não mora ou não nasceu em Tatuí, esta cidade pseudo-pacata, com nome de origem Tupi-Guarany, fundada em 1826 y reconhecida por ser a capital da música, então provavelmente você não conhece a história marcada pela degradação ambiental, mas também por iniciativas de recuperação e conscientização do Ribeirão Manduca, um rio urbano que corta a cidade. O Grupo Sala 9, com alunos recém-formados do Conservatório de Tatuí, nos apresenta com graça y precisão uma trajetória

sensível, porém efusiva, sobre a relação do rio com o seu entorno. A história do Ribeirão Manduca está ligada à ocupação e desenvolvimento da cidade, com impactos tanto ambientais quanto sociais.

Em outros tempos, as pessoas que não possuíam calçados y que viviam distantes da região central de Tatuí, eram chamados ‘pé vermei’, por conta do contato com a terra, de tom forte e avermelhado. O termo cunhado pejorativamente pelas ‘elites’, era utilizado como demarcador social para identificar aqueles que viviam em situação extrema de vulnerabilidade às margens do Ribeirão Manduca. A retomada do termo como empoderamento, feito pelo Grupo Sala 9, onde todos do elenco têm os pés pintados de tinta guache vermelha, nos revela que se reconhecer um deles é, na verdade, não negar que o processo criativo nasce da participação afetiva com o território onde essa situação acontece.

Assim, conhecemos duas personagens enigmáticas em *MANDUKA: Às Margens*, baseadas em histórias reais – Dona Célia y Seu Edson. Ela sempre deslumbrada com a imagem do segundo marido, robusto y alto. Ele sempre agarrado numa pá, tirando a lama que corria para frente da sua casa na boca de lobo. Esses dois anti-heróis silenciosos, trepados em cima do telhado da casa, são pessoas que vivem nessas regiões sem ter o direito à moradia digna.

O espetáculo-performance é contado por esses habitantes, mas também pelo rio. Ele fala, mas não só isso. Manduka significa comer ou mastigar. O rio come de tudo: todo tipo de plástico, vidro, peças de roupa, antena, diversos lixos eletrônicos, entre outras coisas. Ainda que a triste temática da peça nos mostre as



consequências de uma catástrofe, o Grupo Sala 9 consegue nos fazer desaguar em nós. Dividido em quatro movimentos, o trabalho tem criação colaborativa, orientação do trabalho de João Fabbro y saiu do 30º Festival de Teatro Estudantil do Estado de São Paulo como um dos grupos mais comprometidos com a carreira artística teatral. “Isso é uma profecia, em algum momento vai nascer!”.

Trabalhos como o de MANDUKA: Às Margens, nos relembram que para fazer teatro engajado é necessário boas referências. Desde a direção criativa até à trilha sonora, estivemos banhadas por uma coerência de pensamento costurado com muita competência de grupo. O formato cênico é uma grande passarela – rio, a iluminação é utilizada de forma inteligente, com pequenas lanternas que constroem um ambiente super-intimista no início do espetáculo. Também destaque as máscaras, que vão somando um peso bucólico a essa vida monótona ao redor do rio, que em seguida é tomada por encantados em indumentárias revestidas de sacos plásticos, como se fossem egunguns que precedem a grande tragédia.


É fato de que existe uma identidade no trabalho realizado pelo Grupo Sala 9 y é exatamente isso que nos causa interesse. Assim como o rio, eles também só querem confluír ideias que desmontem a tradicionalidade de uma linguagem. Essa colagem de conceito estético forma o nosso pensamento de outro jeito y ajuda a ressignificar a trajetória do rio y a realidade da população.

O rio vai desaguar no mar y o Grupo Sala 9 vai desaguar no mundo!





PODE VIR QUENTE, QUE HOJE EU ESTOU FERVENDO!



POR YMOIRÁ MICALL

apreciação para o espetáculo *Sete verbos para manter corpo viva*, a partir do painel conduzido por Paulo Gircys, Lígia Helena de Almeida – VQV e Douglas Emílio – Conservatório de Tatuí.

“Estamos esquentando nossas existências para nos manter vivas”.

Essa frase projetada ao fundo do Teatro Procópio Ferreira, na região central de Tatuí, foi uma das coisas mais coerentes que consegui captar do espetáculo *Sete verbos para manter a corpa viva* do Grupo Sete verbos da Unesp. De fato, é um acontecimento

quente, um caldeirão de sensações, misturadas a muito deboche y doses de cachaça. Talvez por isso saímos todas com a sensação de que estava tudo em chamas, labaredas expelidas por todos os orifícios de quem compunha a cena. O fogo não literal era evidente nos tons das cores do figurino, na iluminação brilhantemente executada por Ton Ribeiro, nos corpos em exposição y até na textura das vozes. “Se nos queimarem, vocês vão queimar conosco!” A encenação é um curto poema composto de sete verbos que experimentam fabular sobre ser-indivíduo y ser-comunidade, são eles: evocar, encantar, nascer, ser, desfigurar, enfrentar y transfigurar. A trajetória da existência é contada a partir de memórias, lutas, histórias, sonhos e desejos.

Nessa noite celebraremos mais uma vez a vida, tem bebida pra tomar y Tim Maia pra alegrar. Descobrimos os setes mares, o elenco invade o palco preenchido de todo tipo de tecidos acomodados por cima de banquinhos de madeira y se prepara para o rito. São vinte artistas-criadores nessa apresentação para o 30º FETESP. É tanta gente em cena, que somos obrigadas a apertar um pouco os olhos y assim tentar não perder nenhum detalhe sequer. Há quem interessa o jogo da representatividade? Mesmo assim, somos constantemente bombardeadas por uma grande catarse em coletivo de pessoas que transbordam os limites do palco para a plateia, bandeiras que escorrem pelas estruturas do teatro, transmutações têxteis compondo a cena, causando uma grande visualidade apocalíptica desse território de resistência.

As vozes em uníssono disparam um canto para manter viva, é como se ecoasse do fundo desse mar

furioso, presente nas projeções, mas também na profundidade sonora que revitaliza toda a experiência cênica. “Eles dizem: não! Mas eu saí de casa pra poder viver. Eles dizem: não! A minha força aumenta no amanhecer.” Com isso, estamos cientes de que durante os próximos 100 minutos testemunharemos uma exaltação à vida que passa pelo Café Müller de Pina Bausch, passa por Conceição Evaristo até chegar aos dedilhados no piano de Nina Simone. É sempre tempo de festa. Um *revéillon* alá ‘Faria Limer’, carregado de positivismos tóxicos, desenha ainda mais o caminho por onde o Grupo Sete Verbos têm desvendado. Não tem tempo para o ‘mimimi’, elas vão vir para cima, vão levantar bandeiras, um corpo-coro abarrotado de Exus Caveiras y Marias Mulambos berrando aos montes, a partir dos vestígios delas mesmas, fazer retalho de muitas vidas numa encruzilhada de sensações. Há quem interessa o compilado das reproduções estéticas?

Devorando tudo o que veem pela frente, o Grupo Sete Verbos inevitavelmente vai ser, não como uma escolha, mas como estado de presença. Um evento pós-dramático completamente elaborado na fúria. É denúncia, é brincadeira de criança diabólica, é um after de uma Santa Ceia, é o acúmulo que estabelece a linguagem, é a monstrificação presente nos quadrinhos de Lino Arruda, é o Clímax do êxtase de Gaspar Noé, é o baile funk, é o *noguing*, que nos evoca a sensação de caos, loucuras y delicias.

Destaque para a slammer Emmanuely Berbel, que com muita maestria soube suspender o tempo enquanto recitava o conto ‘Maria’ de Conceição Evaristo. Ali, naquele instante, sem todas as interferências visuais, com as cortinas do teatro fechadas atrás

NO FRESCOR DA HORA

de suas costas, portando apenas um banquinho, um microfone y um sonho, a artista consolidou um momento icônico com força y coragem. Isso automaticamente alternou o protagonismo para algo que era urgente y necessário de ser dito em meio a toda a epopeia do ser-estar. Outro destaque para a trilha sonora conduzida ao vivo, cada momento era digno de se derreter nas poltronas.

FOTOS JOÃO MARIA



SER





O TEATRO NA PRÁTICA É SEMPRE AO CONTRÁRIO: “CULTURAL TEATRAL”?

POR MARCUS GROZA

apreciação para o espetáculo *O amor na prática é sempre ao contrário*, a partir do painel conduzido por Douglas Emílio Valéria Rocha – Conservatório de Tatuí.

Se você não está em busca de algo, não vá ao teatro. Pelo menos não vá a peças como *O amor*

na prática é sempre ao contrário.

Quem tem completo seu álbum de certezas, confortáveis e perpétuas, vai se frustrar. Quem tem tudo que precisa e não quer conhecer mais nada nem ninguém diferente, não tem motivo para gostar de teatro.

Ontem o grupo Núcleo Atuará apresentou a peça na Escola Estadual Professor José Celso de Mello. Nada mais apropriado para a volta das férias. Uma peça, com numeroso elenco de adolescentes dedicados e talentosos, que fala de relações afetivas. Estruturada a partir do cancionário nacional, é divertida e cativante, instaura um ritmo que aproxima o espectador. O seu jovem elenco é dedicado e talentoso.

O amor na prática é sempre ao contrário apresenta a história de três personagens: cada um desempenhado por vários atores, ora se revezando, ora ao mesmo tempo. Meninas também fazem personas masculinas, entre os amigos que vivem uma trama de paixões fantasiadas e não correspondidas. Um deles é gay e se apaixona pelo melhor amigo, enquanto o casal hétero fracassa em consolidar uma relação. As emoções tentam ser nomeadas, mas ao final os nomes não dão conta.

Na proposta de encenação, temos o índice da cor do figurino para acompanhar as instâncias de cada personagem. Mas, como destacou uma espectadora na conversa após a peça, cria-se um jogo instigante de indeterminações: ao acompanhar o enredo, a cabeça fica tentando se achar: ah, nessa cena então são três atores – duas meninas e um menino – fazendo um personagem masculino, em um diálogo com outro

que é desempenhado por outros três – dois meninos e uma menina.

Quem tenta não perder o fio do enredo redobra a atenção diante dessa coralidade, porque ela bagunça a percepção linear, desestabiliza o modo como estamos habituados a consumir o “drama/melodrama”, ao mesmo tempo em que está estruturada a partir dele.

Como o enredo, a composição andrógina do figurino também busca se encaminhar no sentido contrário dos estereótipos de gênero.

É sim uma peça sobre paixão e amor, no seu fôlego impetuoso da juventude, quando se sente tudo com mais intensidade. Mas também é uma peça que fala do amor “atemporal”, como ressaltou uma espectadora, apontando que as canções são de várias épocas. Nesse sentido, destaco uma cena que narra a história da avó que, hoje doente do coração, numa fila de exame, conta para a neta sobre a palpitação que sentia, quando se apaixonou pelo seu avô.

Convidado a relatar o que sentiu ao assistir ao espetáculo, o público enumerou “dúvida”, “confusão”, “nostalgia” “mágoa”, “rancor”, “o amor como liberdade”, “amor ingênuo”, “dificuldade de aceitar que as coisas não acontecem como a gente quer”.

Nesses bate-papos após as apresentações, os mediadores do VQV costumam perguntar quem está vindo ao teatro pela primeira vez. Vira e mexe, tem alguém no seu primeiro encontro com a cena – pelo menos formalmente.

Ontem, uma pessoa do público perguntou ao grupo como era se apresentar numa escola onde as pessoas não têm a “cultura do teatro e ficam conversando durante a peça”. O ator respondeu que, por um lado, isso trazia uma sensação de que ele não era bom o suficiente, mas que, por outro, era um desafio muito interessante levar o que eles acreditam para mais lugares.

Às vezes, revisito as minhas primeiras experiências como espectador e me lembro de peças, como *Pólvora* e *Poesia*, a que eu assistia entregue às emoções, sem a lente da racionalidade e das referências de nomes famosos. Recordo que, certa vez, anos adiante, numa aula de História do Teatro, na Escola Livre de Teatro de Santo André, ao folhear um livro de fotos de peças paulistanas dos anos 2000, encontrei uma de Leonce e Lena, direção de Gabriel Villela, e pensei: “putz, eu vi essa peça na época e nem sabia que era uma peça importante, nem quem eram os artistas”.

Com meus 20 anos, eu assisti aos espetáculos que ficaram para história do teatro brasileiro, com o mesmo olhar com que assistia às esquetes dos meus amigos, numa oficina de iniciação teatral. Como deveria ser sempre, pois - hoje sei - não existem exatamente peças mais importantes, existem recortes parciais e precários que vão desenhar as narrativas da história. Percebo existir aí um frescor que - como espectadores - corremos o risco de ir perdendo.

Mas voltando à “cultura teatral”, o que seria isso, afinal? É uma espécie de código de conduta que se deve adotar quando se vai ao teatro? Esse código tem a ver com ficar em silêncio? Ficar sentado? E dar aquela

pescada de sono, pode? Será que é deselegante? Os atores se sentem mal? E se for uma peça de teatro de rua? Será que o teatro é só uma coisa a se assistir de fora, distanciado? Será que o teatro não pode ser também um lugar onde se vive e convive? Deixar o corpo reagir às coisas, sem precisar nem mesmo que atores e atrizes “prendam” a atenção de ninguém?

Durante a apresentação de *O amor na prática* é sempre ao contrário, houve quem tenha feito “shiiiiiii”, pedindo silêncio ao público, composto majoritariamente por alunos, que foi sim, em alguns momentos, um pouco ruidoso. Um menino ao meu lado reagia, corporalmente, às cenas, se abaixava na cadeira, cutucava os colegas, balançava a cabeça, chegou a resmungar uma hora: “nada a ver”. Talvez ele não conheça os códigos da tal “cultura teatral”, talvez ele mesmo não saiba nomear as suas emoções ao assistir, mas não me resta dúvida de que ele foi afetado pela peça.

É preciso que pensemos constantemente em expandir o que possa vir a ser essa “cultura teatral”, sem a padronização de como se deve “portar” no teatro, sem os vícios que são comuns em nós, iniciados.

Busquemos entender que a “cultura teatral” é algo que ganha frescor com quem não tem o hábito de ir ao teatro: a presença compartilhada em que consiste o teatro nos mostra que precisamos sempre aprender com as diferenças.

Se em casos extremos pode haver desrespeito na relação com o público, via de regra não existem reações erradas: é um corpo vivo que se afeta diante

NO FRESCOR DA HORA

de outro corpo vivo.
tocam justamente no que mais falta: a permissão
para existir em afetos que nos reconhecem de volta.
Quem já vibrou ao experimentar esse tipo de encontro
tem tudo para gostar de ir ao teatro.







VOU TE CONTAR UM SEGREDO: EU SENTI HOJE

POR ANA MACHADO

**Bolsista Bolsista de Apreciação Crítica para
o espetáculo *O amor na prática é sempre
ao contrário***

“Na adolescência do mundo
Tudo é extremo e absoluto.
Tudo nasce ou morre,
E tudo parece eterno.”
Adolescência” – Hilda Hilst

Viajemos em nossos interiores. Viajemos em memórias, nostalgias, daquele tempo na nossa adolescência em que tudo parecia estar a mil por hora, o coração pulsando em sua intensidade. Nos amores que eram tudo e nada, na expectativa de encontrar uma simples fagulha e contemplar como uma fogueira inteira. As sensações explodindo no peito, mas seguradas pelo medo, pelo espaço, pelo receio da incompreensão. O medo de demonstrar e ser alvo de algo é muito maior do que ter a completude dos sentimentos.

O Núcleo Atuará – grupo da escola de teatro ATUARÁ, que fica na cidade de Jundiaí-SP, inaugurada em 2017 – nos recebe de braços abertos em *O Amor na Prática é Sempre ao Contrário* para termos um vislumbre de intensidades, muitas vezes, não vividas. Existe uma força na juventude em contar histórias da própria juventude para um público majoritariamente adolescente em um ambiente escolar – espaços dos quais dificilmente dá abertura para tais temas e liberdade de discussão para os jovens. Ainda assim, até a representatividade possui desafios, como bem descritos pelo grupo: a apreensão com a plateia em relação à recepção das roupas – uma mescla de calças, saias, gravatas, bonés, maquiagens – que desconstrói as barreiras de gênero junto dos personagens, onde todes são Felipe, Isabela e Ricardo; lidar com as interferências externas e com pessoas que não tem o consumo do teatro; fisgar a atenção dos adolescentes na plateia, não acostumados a falar sobre o amor de uma forma tão livre – principalmente em espaços tidos como conservadores, do qual o tema acaba sendo levado como uma “bobeira” ou vergonha.

Seria “amor” uma vergonha? Seriam os sentimentos uma vergonha?

A entrega do elenco em cena me fez refletir e ter um panorama geral do lugar onde estávamos – uma escola pública – e de quem estava recebendo essa mensagem. Descobrir-se assusta. Fazer piadas ou certas brincadeiras em momentos específicos pode dizer bem mais do que um comentário sincero, e pelos murmúrios ao nosso redor durante a apresentação, havia muito a se dizer. Então, observar a espontaneidade em cena, o se “deixar levar” pela emoção, a exposição de si para o outro, abriam portas extremamente profundas, possuindo uma sensibilidade tão grande que nos levava de corpo e alma junto dos Felipes, Ricardos e Isabelas, três personagens únicos que traziam consigo uma visão de inúmeras pessoas. Ou, nas palavras de uma das atrizes, “arquétipos de tipos diferentes de pessoas que lidam com o amor”.

No final de contas, o que acaba pulsando mais forte, pelo menos para essa voz que vos escreve, é a busca pelo reconhecimento. De compreender e ser compreendido. De falar sem ter que se justificar com todas as sílabas.

“O nome disso é identificação. Porque na verdade a gente quer preencher nossos vazios não com o que nos falta ou completa por ser diferente, mas com o que é confortavelmente familiar.” – frase da peça que resume muito do que foi dito nessa apreciação.

Em espaços onde tantas vezes é negado o direito de sentir, de dizer, de experimentar o afeto com liberdade, Amor na Prática é Sempre ao Contrário e o grupo

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

tocam justamente no que mais falta: a permissão para existir em afetos que nos reconhecem de volta.





FOTOS JOÃO MARIA



REINO DOS BICHOS E DOS ANIMAIS: O REENCANTO DE MANDUKA

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica para o
espetáculo *Manduka: às margens*

“O que é que tem aqui dentro? Não sei o que é que tem aqui dentro, não sei o que é que tem aqui den-

tro.” É esse trecho de Stella do Patrocínio, que o Grupo Sala 9 escolheu mesclar à dramaturgia do espetáculo *Maduka: às margens*. Resultado do trabalho de conclusão de curso da turma, o texto foi criado de modo colaborativo pelos participantes. A partir de disparadores de pesquisa sobre o rio Manduka situado na cidade de Tatuí, a dramaturgia é composta também por fragmentos de entrevistas feitas com os moradores do entorno.

Somos recebidos numa sala funda, retangular. A plateia está disposta dos dois lados de modo que cria-se um grande corredor, a arena onde a peça irá acontecer. No chão, um fio de led iluminado separa “palco e plateia”, há pessoas sentadas no chão e em cadeiras mais elevadas. Nos outros dois extremos da sala foram montadas uma espécie de coxia aberta. São duas instalações, um dos lados com microfones e sapatos dispostos em linha reta no chão e um banco de madeira azul. Do outro lado, com diversos materiais como caixas de ovo, plástico e papel, que evocam a ideia de lixo e reciclagem. Acúmulos que contrastam com a arena, enxuta, que tem apenas um par de botas de trabalho, estilo construção preta ao centro.

A sonoridade bastante presente em todo o espetáculo, tem algo de cibernético e é o *start* dos movimentos. Pessoas se posicionam nos microfones quase sem serem iluminadas, enquanto no outro extremo um corpo se posiciona a contraluz. Com movimentos muito bem trabalhados e posturas marcantes, o atuante faz percutir um pó branco por seu corpo. Tal qual alguns rituais africanos e afrobrasileiros com o uso da pomba, vemos o pó voar pelo espaço. Com ajuda da iluminação, e os movimentos dilatados vai-se estabelecendo um estado extracotidiano, as

posturas desse corpo vão se animalizando e através dos microfones duas vozes intercalam frases desconexas, profundas e carregadas de muito lirismo. Brincando com velocidades e modos de colocar a voz no espaço, vão narrando de modo não linear esse corpo que agora toma o centro da arena como um animal de quatro patas, correndo. Há uma atmosfera bastante sinestésica, permitindo diversas leituras ao público como transe, sensação de estar num sonho, pesadelo ou rituais religiosos como o xamanismo. Isso se intensifica quando mais atuantes entram na cena. Numa caminhada lenta e ritmada, descalços e com os pés pintados de vermelho, atravessam a arena de um lado a outro. E durante esse contínuo os atuantes experimentam um estudo com a palavra. Essa é uma investigação que não se limita, podendo se refinar cada vez mais e pelo tempo que durar a vida do espetáculo. E que a boca se deixe comer pela palavra, afinal “Manduka significa comer, mastigar”.

E assim, 7 pessoas vão dando vida à multidão de seres e elementos que o rio Manduka carrega. A linguagem de máscaras foi lindamente desenvolvida na representação dos dois moradores das margens, materializando uma esfera do real de modo sensível, profundo e respeitoso. Me pergunto se a escolha na desproporção de tamanho entre as máscaras é consciente. Se o minimalismo – em contraponto com a outra figura – da mulher que varre, nos ajuda a captar sua essência ou nos impede de alcançá-la melhor.

O recurso narrativo do rio que fala e conta de si através das histórias dos personagens humanos é muito fértil, um elemento que inverte a lógica colonial, assim como a escolha da voz do rio estar dividida pelos atuantes, não havendo figura de centralidade. Dian-

te dessa escolha, faz-se necessário um ajuste nas interpretações. Nem em todo momento foi possível distinguir a natureza de quem falava, atuante ou Manduka? Quem está nos contando sobre o marido corinthiano, da mulher que varre e do homem da pá? Seria interessante ter alguma forma vocal comum entre as vozes que personificam o rio? Como respeitar minha construção individual e ao mesmo tempo manter uma unidade para a personagem?

Mudança de estado! Chega a enchente, o rio é desmontado e o lixo ocupa o espaço. Coxia aberta. Música eletrônica, a vibração do espaço vai aumentando. Figurinos feitos de sacolas plásticas vão tomando o corpo dos atuantes. Alguns figurinos oferecem dificuldade, como compor com o que se impõe na cena? Algo vem no meu pensamento “não perder a essência do que foi construído até agora”, a ritualização. O grupo vai construindo em sobreposição, camadas, ondas, e elas estão sendo ritualizadas desde o início, enquanto tudo estava mais lento. Talvez nesse momento que a mudança de estado é convocada, coisa que a própria dramaturgia solicita, a ritualização deva continuar, com as quatro pessoas fazendo a troca de figurino completa no palco e ao mesmo tempo, mostrando para nós essa metamorfose. Um ritual de transformação.

E então eles chegam! Acordam o espaço com vento. Lavam nosso espírito com suas presenças. É bate-bola-parangolé, gorila-carioca, vodum-boi-do-maranhão. Os encantados urbanos, das favelas, das quebradas, das margens! Reino dos bichos e dos animais é o seu nome, Manduka! O tambor chega e reencanta o rio, o palco-arena, a nós, encanta tudo! Quando a canção chega, instintivamente já consigo

APRECIÇÃO ESTUDANTES BOLSISTAS

cantar, alguém já quer bater palma... É a cultura popular colocada na cena de modo sincero, político e emergente do processo criativo.

O Grupo Sala 9 honrou Manduka! Honraram os mais velhos, o povo da mata, da rua e os “pé vermeio”. Vida longa ao grupo, à essas presenças de fogo nas patas, e ao eterno rio Manduka! Okê Caboclo!





FOTOS CAMILA FONTENELE



FLORA-EM -FLOR



POR MARIA LUIZA QUEIROZ FREIRE

Estudante do 2º ano do curso de Artes Cênicas do Conservatório de Tatuí e bolsista ofício da Revista BULI no ano de 2025

Hoje assisti *Sete verbos para manter corpo viva*, do grupo Sete Verbos. Entrevistei Flora, e agora vou pedir um exercício de imaginação para você que me lê: quero que crie Flora em sua mente. Vou descrevê-la e, juntos, daremos voz a essa personagem.

Flora tem uma estatura média, talvez 1,55m de altura. É uma garota preta de pele clara, com 15 anos. Seu

cabelo é cacheado e está cortado em camadas, é bem vivo, cheio de movimento e tem um tom de chocolate. Hoje ela não teve tempo: saiu da escola e foi correndo para o teatro ver seus amigos do Grupo Sala 9 apresentarem “Manduka”. Não conseguiu ingresso, mas ficou até a noite para ver a última peça. Por isso, ainda estava de uniforme.

Flora é animada e extrovertida. Segundo ela, “fala demais” e gostaria de ser silenciosa, mas ao mesmo tempo, sonha em ser uma pessoa engraçada. Estuda teatro no Conservatório de Tatuí. O teatro é sua paixão: para ela, ali, nada precisa ser tão correto. Na verdade, não devemos sequer pensar em acertar, é o lugar onde os roteiros podem ser desviados, onde a imperfeição ganha vida.

Sobre a peça? Flora saiu sem entender muito, principalmente sobre como a peça acabou, ficou com dúvidas. Contudo, enquanto os corpos se moviam com precisão e rapidez pelo palco, ela imaginou uma flor. Viu essa flor se desabrochando aos poucos. Nascimento.

A flor não nasce quando a semente germina, mas quando suas pétalas se revelam ao mundo. Se fôssemos flores, permaneceríamos fechadas e recolhidas em nós mesmas, até encontrar nosso caminho. Se fôssemos flores, nosso navegar pela vida seria descobrir as cores das nossas pétalas. E o tempo, esse que passa lento, por vezes rápido, a cada dia, cada dor, a cada sorriso e momentos sinceros, iria nos desdobrando. As pétalas se mostrariam cada uma de um tamanho e possuiriam diferentes texturas. Desabrochar. E é então que verdadeiramente nas-

ceiros. Nascer é uma escolha. Nascer é descobrir.

Essa flor improvisa. Tenta vencer os obstáculos e não se apega aos roteiros, é pura arte. Ser flor é sobreviver à sua própria fragilidade. Flora poderia ser médica ou advogada, mas não seria ela. Flora, quando está no teatro, não tem medo de ser quem é. Acha que ainda não desabrochou, tampouco parece ter pressa. Flora-em-flor aguarda, como no espetáculo, ela navega. Já dizia Alberto Caeiro: “navegar é preciso, viver não é preciso”.



FOTOS JOÃO MARIA

CHARGES



GABRIEL



TADEU RENATO



NACÁ



KAIÃO

COM CARINHO
PARA SETE
VERBOS

VIVA!



KAIÃO



UMA ABERTURA PARA O QUE AINDA ESTÁ POR VIR

POR GABRIEL LOBO

Educador teatral, ex-estudante do Conservatório de Tatuí e diretor da Cia Teatral 4 Cantos, do município de Quadra/SP

A gente nunca participou do FETESP. Quando estudei no Conservatório de Tatuí, o festival estava

no hiato — sete anos de silêncio. Mas a gente sabia. Sabia da existência, ouvia falar dele como quem escuta uma história passada de geração em geração. Era quase uma lenda, um eco distante que chegava aos nossos ouvidos. Professores contavam como era. Alunos mais antigos falavam com brilho nos olhos. E aquilo ficava rondando a gente. Como um nome gravado na parede que ninguém apagou.

Jorge Larrosa, em suas Notas sobre a experiência e o saber de experiência, lembra que “a experiência não é algo que se possui ou se acumula, mas algo que acontece e nos acontece, uma abertura ao mundo que nos transforma”. É exatamente assim que o FE-TESP esteve presente em nós: não como evento físico, mas como um acontecimento, uma marca invisível que atravessa, molda e transfigura.

Sou de Quadra, uma cidade de 3.700 habitantes, onde fazer teatro é, antes de tudo, um ato de resistência e permanência. Lá, coordeno hoje a Cia Teatral 4 Cantos, um projeto que reúne 130 corpos pulsantes desde 2004, que transformam o cotidiano em cena, em rito, em encontro sagrado. A companhia já passou por três direções — e todas vieram do curso de Artes Cênicas do Conservatório. Essa formação nos atravessa, molda o jeito que a gente olha, ensina, conduz.

Para Larrosa, “o saber de experiência não é um saber técnico ou instrumental, mas um saber que se constrói na relação com o desconhecido, com o inesperado, com o silêncio”. E é essa abertura ao inesperado, esse espaço de escuta e presença, que buscamos cultivar em nossos ensaios e encontros — especialmente em um lugar onde o teatro é ato de coragem,

de entrega, de arte viva que insiste em existir.

Mesmo sem ter vivido o FETESP, ele estava presente. Estava nos relatos, nas metodologias, na maneira como se falava de teatro estudantil com respeito e seriedade. O festival virou referência mesmo sem palco. Era uma ideia. Um lugar de desejo. Um espaço que, mesmo adormecido, continuava formando gente, alimentando sonhos, acendendo fogueiras.

Desde 2010, a Mostra de Teatro de Quadra carrega um pouco disso tudo. Ela nasceu de uma necessidade local, claro – mas também foi alimentada por essas histórias que nos inspiravam à distância. O FETESP, mesmo em pausa, plantou sementes. E nós seguimos cultivando com fé e coragem.

Voltar agora, no encontro dos 30 anos do festival, é olhar para esse tempo que passou e reconhecer que o impacto de um festival não está só nos dias em que ele acontece. Está no que ele deixa, no que ele provoca, no que ele promete. Está nas pessoas que carrega com ele, mesmo quando não está ali. Está na permanência da arte que resiste.

Larrosa nos lembra que “a verdadeira experiência educacional acontece quando o sujeito se deixa afetar pelo que não conhece, quando se abre para a alteridade e para o mistério do aprender”. É isso que o FETESP promove – uma abertura para o que ainda está por vir.

Eu volto com gratidão. Volto com a minha cidade inteira no peito. Volto sabendo que, mesmo sem ter visto o FETESP acontecer, fui moldado por ele. E que

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

hoje, nos palcos improvisados de Quadra, ele segue existindo — no gesto de cada aluno, na coragem de cada cena, no brilho de quem descobre o teatro pela primeira vez. No pulsar silencioso da arte que permanece.





SOL DA CIDADE, CASA ÁFRICA E RECANTOS

POR LUCAZ EUSÉBIO

Bolsista de Apreciação Crítica no 30º
FETESP

“uma mariposa precisa de outra para ver a caveira
– proteção – nas suas costas e dizer seu nome”

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

O sol na cidade é seta.

Flechas que tocam o corpo

fundo e chama inteira

faz brotar.

Das praças esquinas e

espaços como esse que

permitem a segurança

de aguardar quente.

A luz do pai maior lava

minha pele que quer

cantar sim,

mas descansar também

Ser livre no silêncio

do próprio corpo que

por vezes é solicitado

a falar demais.

Quero a performance

da calma

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

Na sinceridade de um
beijo bom da paz.

As árvores daqui é o
que mais me chama,
depois o sol forte duran-
te o dia e o frio
cortante das madrugadas
do alojamento que recolhe
os perigosos do teatro
e da música.

Tatuí está protegido pelas
Raízes antigas da natureza
Mas também precisa dos
que rasgam a norma.

Herdeiros do Sol
gostamos de gostar
e de brilhar quando

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

cercades de quem
abraça o Tempo
Hoje é tempo
Ontem é tempo
e amanhã também é
dia
de mudar,
mover um pouco
mais,
os asfaltos, as caras
feias de quem não
sabe amar o que
toca
Vou me abrindo
pro toque das bandas
de cá
para que eu também
com cuidado

CRÔNICA DO DIA SEGUINTE

e firmeza

possa tocar o universo

so corpo, da palavra

e da natureza.



BASTIDORES

POR CAMILA FONTENELE









[voltar ao topo](#)

EXPEDIENTE

Editores

João Fabbro
Tadeu Renato

Coordenador Editorial

Antonio Salvador

Produção Editorial

João Fabbro

Colaboradores Convidados

Marcus Groza
Lucaz Eusébio

Colaboradores Bolsistas

Ana Machado
Ymoirá Micall

Colaboradores

Gabriel
Gabriel Lobo
Kaião
Maria Luiza Queiroz Freire
Nacá
Tadeu Renato

Revisão de Textos

João Fabbro
Roberto Anzai
Tadeu Renato

Arte Design

Lívia da Silva

Assistente Arte Design

Renata Corrêa

Fotografia

Camila Fontenele
João Maria

Coordenador de Comunicação do 30º FETESP

Maurício Coronado

O jornal BULI - publicação do FETESP - Festival Estudantil de Teatro do Estado de São Paulo, do Conservatório de Tatuí, é construído por muitas vozes e olhares, mas sempre prezando pela singularidade de estilos e reflexões das autorias individuais ou coletivas que assinam cada matéria. Dessa forma, os textos aqui publicados não expressam, necessariamente, a opinião do Conservatório de Tatuí - instituição da Secretaria de Cultura, Economia e Indústria Criativas do Estado de São Paulo e de sua gestora, a Sustentados Organização Social de Cultura.



patrocínio



Zanchetta

cipatex®



MARQUESPAN
ALIMENTOS



parceria



Secretaria de
Espanha, Cultura,
Turismo e Lazer

realização

#SUSTENIDOS

tatuí conservatório
de música e teatro

CULTSP

Secretaria da
Cultura, Economia e Indústria Criativas



SÃO PAULO
GOVERNO DO ESTADO
SÃO PAULO SÃO 1000%

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
UNIÃO E RECONSTRUÇÃO